

Identidade, identidade profissional e identidade docente: Apontamentos teórico-conceituais

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.010-067>

Raquel Quirino

Doutora em educação
CEFET-MG

Eliane Silvestre

Doutoranda em Educação
CEFET-MG

Antônia Pinheiro

Mestranda em Educação Tecnológica
CEFET -MG

Gissele Quirino Herculano

Doutoranda em Educação
CEFET-MG

RESUMO

As categorias identidade, identidade profissional e identidade profissional docente têm sido historicamente conceituadas nas perspectivas de estudiosos de nacionalidades diversas, em abordagens específicas e em várias áreas do conhecimento. Diante da polissemia do termo “identidade” há que se situar os conceitos em suas diversas abordagens teóricas a fim de se obter uma real significação do que se quer referir ao utilizá-lo em estudos e pesquisas acadêmicas. Da mesma forma os termos “identidade profissional” e “identidade profissional docente”, por se derivarem e se comporem do e com o primeiro, merecem o mesmo tratamento pois, adquirem abordagens diferentes em contextos teóricos diversos. Tomando-se como base teórica produções de diversos estudiosos, em seus estudos sobre identidade, identidade profissional e identidade docente – não obstante os três termos não tenham sido abordados por todos eles –, este artigo objetiva, a partir de uma revisão bibliográfica, discutir de forma sucinta apontamentos teórico-conceituais de tais categorias. Espera-se subsidiar pesquisadores e estudiosos das temáticas, com pistas e referências de autores expoentes advindos de áreas diferentes do saber e lograr um maior entendimento desses termos.

Palavras-chave: Identidade, Identidade profissional, Identidade profissional docente, Identidade docente.

1 INTRODUÇÃO

As categorias identidade, identidade profissional e identidade docente têm sido historicamente conceituadas nas perspectivas de estudiosos de nacionalidades diversas, em abordagens específicas e em várias áreas do conhecimento.

Destacam-se os estudos de Claude Dubar (2005; 2006; 2012), sociólogo francês, na Sociologia das Profissões; Stuart Hall (2006), sociólogo britânico-jamaicano, nos Estudos Culturais Britânicos; Anthony Giddens (2002), sociólogo britânico, na Teoria da Estruturação; Zygmunt Bauman (2001; 2005; 2007; 2009), sociólogo e filósofo polonês, na Crítica à Pós-modernidade; Antônio da Costa Ciampa (1987), psicólogo brasileiro, na Psicologia Social; Antônio Sampaio da Nóvoa (1999; 2007; 2009; 2019), educador português, na Ciência da Educação, dentre muitos outros.

Diante da polissemia do termo identidade há que se situar os conceitos, em suas diversas abordagens teóricas a fim de se obter uma real significação do que se quer referir ao utilizá-lo em estudos e pesquisas acadêmicas. Da mesma forma os termos identidade profissional e identidade profissional docente, por se derivarem e se comporem do e com o primeiro, merecem o mesmo tratamento, pois, adquirem abordagens diferentes em contextos teóricos diversos.

Importante destacar que, apesar de muitas vezes os termos “definição” e “conceito” serem utilizados como sinônimos pelo senso comum, há uma diferença considerável em seus significados. Enquanto a definição representa uma explicação mais objetiva e direta, geralmente encontrada nos dicionários, representando, portanto, o significado de algo, o conceito é algo concebido pelo pensamento de alguém, podendo variar de pessoa para pessoa, a depender da área de conhecimento abordada e do contexto histórico, social e teórico empregado.

Tomando-se como base teórica produções de diversos estudiosos, em seus estudos sobre identidade, identidade profissional e identidade docente – não obstante os três termos não tenham sido abordados por todos eles –, este artigo objetiva, a partir de uma revisão bibliográfica, discutir de forma sucinta apontamentos teórico-conceituais de tais categorias. Espera-se subsidiar pesquisadores e estudiosos das temáticas, com pistas e referências de autores expoentes advindos de áreas diferentes do saber e lograr um maior entendimento desses termos.

2 IDENTIDADE, IDENTIDADE PROFISSIONAL E IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE: À GUIA DE CONCEITOS

2.1 IDENTIDADE

Poucos termos são mais polissêmicos e amplos como “identidade”. Em 37 linhas, o dicionário Houaiss apresenta acepções tão amplas e diversas, tais como, “estado do que não muda, do que fica sempre igual”, ou “consciência da persistência da própria personalidade” ou ainda “conjunto de

características ou circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa” (Houaiss e Villar, 2019, p. 423).

Para Campos (2023, p.1),

pinçar desses sentidos os significados mais relacionados às relações humanas também não reduz sua polissemia sensivelmente. Grande parte do que fazemos em nossas vidas – da ocupação que desempenhamos ao tipo de hábitos que nutrimos, das nossas opiniões políticas à nossa aparência – ajuda a formar quem somos, nossa identidade, portanto. Em suma, “identidade” é um conceito tão amplo que, no limite, pode abarcar toda a nossa existência, nossa personalidade, afinidades coletivas, imagem pública, etc.

Em seu estudo, Gomes (2018, p.44), apresenta diversos conceitos de identidade, em diferentes áreas do conhecimento. Partindo da etimologia da palavra até aos estudos mais recentes, o autor destaca que não faz sentido falar de identidade no singular, mas de identidades no plural e identidades dinâmicas, “[...], pois identidade (s) é/são elemento (s) de mediação entre os sujeitos e os contextos de suas vidas, revelando, portanto, sua instabilidade provocada em grande medida pelas rápidas transformações na sociedade em geral”.

Paixão (2009) esclarece que identidade advém do termo de origem latina, formado a partir de “*iden*” (com o significado de “o mesmo”) e do sufixo “-*tate*” (indicador de um estado ou qualidade). A etimologia desta palavra a coloca como qualificadora daquilo que é idêntico ou o mesmo sendo identificadora de algo que permanece. Assim, do ponto de vista etimológico, do latim *identitate*, identidade significa qualidade daquilo que é idêntico; conjunto dos caracteres próprios de uma pessoa, o qual é considerado exclusivo dela e, conseqüentemente, levado em conta, quando ela precisa ser reconhecida; consciência que uma pessoa tem de si mesma.

Já em termos filosóficos, a mesma autora define identidade como a qualidade através da qual um ou mais objetos de pensamento possuem propriedades iguais, ainda que designados distintamente. Generalizando, filosoficamente para Paixão (2009), a identidade traduz coincidência de uma substância consigo mesma e, o primeiro princípio lógico do pensamento é o princípio de identidade, o qual compreende o sentido da lei suprema do ser (princípio metafísico) e o da lei suprema do pensamento (princípio lógico).

Para Hobold e André (2008, p.5),

as situações experimentadas ao longo da trajetória pessoal, por meio das relações sociais e das significações pessoais constituem a identidade. Essas situações que permeiam as experiências pessoais constroem o “eu subjetivo” e, ao mesmo tempo, o intrapsicológico de uma pessoa. Pode-se exemplificar a identidade como um arcabouço pessoal, ou seja, o reservatório de experiências que, aos poucos, o ser humano vai constituindo por meio das relações sociais.

Pensando a partir da Sociologia das Profissões, Dubar (2005, p. 136) compreende a identidade como “[...] o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo,

biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”.

Dessa forma, Dubar (2005) define a identidade como um produto da socialização, enfatizando os processos relacionais e biográficos e sugere que a identidade é construída por meio das interações sociais e das experiências pessoais ao longo da vida. Introduce a ideia de "identidade para o outro" e "identidade para si", ressaltando a tensão entre como somos percebidos pelos outros e como nos percebemos. Essa dualidade é crucial para entender a construção identitária, uma vez que a identidade é constantemente negociada entre essas duas perspectivas.

Sendo assim, um construto, pode-se afirmar que não há uma identidade (ou identidades) definida e estática, quer seja a identidade social ou profissional.

Tal assertiva é corroborada por Ciampa (1987) quando propõe que a identidade é um processo de metamorfose contínua, resultante da interação entre a história pessoal, o contexto social e os projetos individuais. Assim, para a Psicologia Social, nos estudos de Ciampa (1987), as identidades são frutos de um fenômeno, uma construção dinâmica e em constante transformação que se manifestam através de personagens, papéis culturais desempenhados pelos indivíduos.

Na concepção de identidade em Ciampa (2001), possuímos, na verdade várias identidades que são utilizadas separadamente, em diferentes momentos. Porém, a pessoa é uma totalidade e nesses momentos o que se ocorre é a manifestação de uma parte da unidade. Mas é importante considerar que mesmo com as diferentes identidades e as constantes mudanças (metamorfose) a nossa identidade é uma totalidade (Albuquerque e Gonçalves, 2020, p. 4).

A partir da Teoria da Estruturação e com foco na reflexividade da modernidade, Giddens (2002) enriquece o conceito de metamorfose identitária ao sugerir que a identidade é um projeto reflexivo, moldado pelas interações sociais e influências culturais, no qual os indivíduos constantemente reavaliam e constroem suas identidades em resposta às mudanças sociais. Giddens (2002) destaca ainda que como um processo contínuo, a identidade é constantemente influenciada pelas instituições sociais como família, educação e trabalho e aponta para a globalização como um fator que complica a construção identitária ao expor os indivíduos a múltiplas influências culturais.

Ainda nesta toada, especificamente nos Estudos Culturais Britânicos, Hall (2006) afirma que as identidades são formadas e transformadas pelo pertencimento a várias culturas (étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais). Evidencia também uma mudança estrutural e transformadora na sociedade moderna a partir do final do século XX, na qual, “essa mudança fragmentou as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólida localização como indivíduos sociais” (Hall, 2006, p.11). Enfatiza o sociólogo britânico-jamaicano que a globalização e as mudanças culturais fragmentam as identidades, levando a uma "crise de identidade", descrevendo o sujeito pós-moderno como multifacetado e em constante mudança, com identidades que são continuamente construídas e reconstruídas em diferentes contextos.

Nesse sentido, para Hall (2006, p.12) a identidade,

preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos em “nós próprios” essas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Também Giddens (2002) ao fazer uma análise da modernidade e suas relações com a construção identitária, aponta que atualmente as tendências globalizantes das modernas instituições são acompanhadas por uma transformação da vida social cotidiana, com profundas implicações para as atividades pessoais. Assim sendo, o “eu”, se torna um “projeto reflexivo”, sustentado por uma narrativa da identidade passível de revisões.

Desta feita, Bauman (2005), aborda o conceito de identidade na sociedade contemporânea a partir da denominada "modernidade líquida", estado no qual as identidades são fluidas e instáveis, precárias e sujeitas a mudanças ainda mais constantes. Destaca que a identidade na modernidade líquida é uma invenção contínua, resultado da necessidade de adaptação a um ambiente em constante transformação. Essa visão contrasta com as concepções mais estáticas de identidade, sugerindo que na modernidade líquida, a identidade é um projeto ainda mais inacabado. Para Bauman (2001), à medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da modernidade líquida, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínuo, que vai do perene ao transitório, com todas as angústias que tal situação suscita. Estar em movimento não é mais uma escolha, mas um requisito indispensável.

A “crise das identidades” é abordada por Dubar (2006) em uma análise mais aprofundada em sua obra “A crise das identidades: a interpretação de uma mutação”, na qual “propõe uma análise das relações entre a crise da modernidade e a crise das identidades, crises que não estão separadas e que desvalorizam as formas comunitárias de inserção social, sem conseguir impor novas formas societárias” (Albuquerque e Gonçalves, 2020, p.7).

Albuquerque e Gonçalves (2020) ao estudarem a obra de Dubar (2006), afirmam que,

[...] a crise da modernidade é também uma crise de identidades pessoais, sendo consequência das transformações ocorridas em três importantes domínios da vida social: mutação das relações de gênero e mudanças profundas nas relações familiares; mutação no mundo do trabalho e nos empregos e consequentemente na formação e na escolarização; mutação no Estado-nação e das suas instituições, o que acarretou mudanças na legitimidade e na democracia representativa (Albuquerque e Gonçalves, 2020, p.7).

Ainda que cada estudioso apresente a categoria identidade em perspectivas específicas ditadas pelo contexto e por áreas do saber diferentes evidenciam-se pontos de convergência em suas teorias. Há uma ênfase na natureza dinâmica e no processo de construto das identidades como resultado de interações sociais e experiências pessoais. Por outro lado, a partir da modernidade e da pós-modernidade, evidenciam-se uma crise identitária, uma fluidez e fragmentação das identidades,

conferindo-lhes uma instabilidade, a partir das influências das instituições sociais e da cultura, trazendo uma necessidade de constante renegociação da identidade em resposta às mudanças sociais.

Concordando com Dubar (2005, p.13), no qual “a identidade humana não é dada, no ato do nascimento; constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida” e que se trata de um processo socialmente construído e simultaneamente inacabado, as ideias dos autores citados repousam na mesma assertiva. O indivíduo socializa-se na sua trajetória pelo mundo, incorporando normas e valores, princípios e comportamentos que lhe permitam, em última instância, uma congruência com a matriz identitária herdada (fruto do processo de socialização primária) e que facilitam, simultaneamente, a sua integração social (Santos, p.128). “Assim, a identidade é um processo de mudança permanente que ocorre desde o nascimento até o final da vida, sendo permeada pelas relações sociais e de trabalho” (Hobold e André, 2008, p.5).

2.2 IDENTIDADE PROFISSIONAL

Para se conceituar “identidade profissional” há antes que se definir o que se entende por “profissão”. Para Dubar e Tripier (1998) o termo profissão pode apresentar quatro sentidos ou quatro pontos de vista: (i) a profissão como declaração – identidade profissional; (ii) a profissão como emprego – classificação profissional; (iii) a profissão como ocupação – especialização profissional; e (iv) a profissão como função – posição profissional.

Partindo do sentido ou ponto de vista dos autores de identidade profissional como “declaração de uma profissão”, na Sociologia do Trabalho e na Sociologia das Profissões, é estudada como um conjunto particular de representação profissional e está vinculada às profissões e às situações de trabalho (Hosson et. al., 2015).

Por ser um processo contínuo e ascendente, se inicia ainda na infância, quando a criança sonha em exercer determinada profissão, – quer seja por admirá-la, interessar-se por ela ou por influências familiares – e trata-se de um processo autoevolutivo. “[...] Essa identidade representa um mecanismo consistente de reconstrução pessoal, resultando das trajetórias autobiográficas, aspirações profissionais e da autorreflexão contínua a respeito do exercício profissional” (Silva, Machado e Moreira, 2020, p. 2).

Assim, Silva, Machado e Moreira (2020) ao estudarem as obras de vários sociólogos dedicados à temática, definem identidade profissional como

o mecanismo de auto percepção profissional que busca a captura de um senso coletivo no trabalho. O conceito pode ser explicado em função das relações de uma pessoa com os outros, resultando dos processos de socialização e de retórica em um dado contexto. Do estudo das identidades pessoais, a compreensão da identidade profissional deriva da sociologia das profissões e implica na definição do lugar que é ocupado por um indivíduo a partir dos seus relacionamentos no ambiente de trabalho (Silva; Machado; Moreira, 2020, p. 1).

Para os autores, “a identidade profissional é o conceito que descreve as pessoas dentro dos seus respectivos contextos ocupacionais, marcando não apenas o engajamento delas na profissão, mas também o investimento na construção de suas trajetórias profissionais” (Silva, Machado e Moreira, 2020, p. 1).

Silva, Machado e Moreira, (2020, p.12) concluem que a identidade profissional ultrapassa barreiras e cenários de atuação, envolve a motivação, a identificação social, a socialização e a própria subjetividade do trabalhador, sendo ela projetada nas aspirações e nas interpretações que ele desenvolve ao longo de sua trajetória profissional.

Por sua vez, Dubar (2005) argumenta que as formas identitárias são constituídas e/ou reconstituídas pelas relações sociais no âmbito familiar, escolar e de trabalho. Dessa forma, não obstante os inúmeros sociólogos que se debruçam sobre este conceito (Dubar, 1997; 1998; 2005; 2012; Slay & Smith, 2011; Amiel, 2017; Best & Williams, 2019, dentre outros), privilegiou-se nos limites deste artigo abordar apenas os estudos de Dubar, nos quais para a constituição da identidade pessoal e social, a dimensão profissional adquire importância singular.

O trabalho condiciona a construção das identidades sociais. Por passar por mudanças, o trabalho obriga os sujeitos a fazerem transformações identitárias delicadas para acompanhar cada vez mais as evoluções do trabalho e do emprego. Dubar estuda a constituição das formas identitárias, derivadas das relações sociais e de trabalho, após acordos entre a subjetividade e objetividade (Dubar, 2005).

Para o mesmo autor, a identidade profissional atravessa momentos de desconstrução e reconstrução, em determinados momentos particulares da vida do indivíduo, por meio de fatos marcantes como, também, por situações profissionais que atingem diretamente sua pessoa.

Em lugar do termo identidade Dubar (2005, p.156) utiliza, preferencialmente, a expressão “formas identitárias” com a finalidade de indicar que se tratam de formas assumidas pela linguagem que podemos encontrar em outros campos e que remetem a visões de si e dos outros, de si pelos outros, e também dos outros por si. São “categorias atribuídas” (identidades para o outro) e “identidades construídas” (identidade para si).

Para compreender o movimento da constituição identitária, além do envolvimento dos aspectos pessoais, oriundas da história de vida, bem como, das relações sociais produzidas no contexto de trabalho, há necessidade de conhecer alguns aspectos relevantes da relação modo de produção e capital.

Sua teoria sobre as formas de constituição das identidades profissionais tem como base uma pesquisa realizada por ele (Dubar, 1997) em seis grandes empresas francesas em processo de modernização, por um período de 20 anos (1960 a 1980). A pesquisa evidenciou que as empresas exigiam dos empregados uma nova forma de relação e comprometimento com a atividade profissional que desempenhavam. Três áreas foram exploradas: o “mundo vivido no trabalho”; a trajetória sócio-profissional dos trabalhadores, principalmente os movimentos de emprego; e a relação dos

assalariados com a formação, em especial, a maneira como aprendiam o trabalho que realizavam (Dubar, 2005).

Neste estudo, Dubar mostrou as seguintes formas identitárias: “identidade fora do trabalho”; “identidade mobilizada”; “identidade do ofício”; e “identidade mobilidade/flexível”, conforme assinalam Hobold e André (2008).

Alves e outros (2007), ao estudarem as mesmas obras de Dubar (1997; 2005) afirmam que, a estruturação identitária é formada a partir da articulação dos processos identitários que se desenrolam nas múltiplas relações na vida, que são heterogêneos, inseparáveis, complementares ou contraditórios.

Nessa dinâmica consideram-se os processos biográficos – identidade para si (o que o indivíduo diz de si mesmo, o que pensa ser, ou gostaria de ser), e os processos relacionais – identidade para outro (quem o outro diz que eu sou, a identidade que o outro me atribui). Na articulação desses processos ocorre a atribuição de papéis pelo outro, a interiorização que é a aceitação e vivência do papel e a incorporação, processo pelo qual esse papel passa a fazer parte da identidade social-profissional do indivíduo (Alves *et. al.*, 2007, p.273 – negritos acrescentados).

A identidade socialmente construída sofre alterações pelas negociações identitárias da identidade conferida pelo outro e a identidade para si construída. E, conforme assinala Dubar (2005), o trabalho constitui um espaço para a ocorrência dessas negociações identitárias, as quais darão origem a uma estrutura de identidade profissional.

Destarte,

a identidade profissional resulta das relações e interações no trabalho, fundada em representações coletivas variadas, construindo atores do sistema social, institucional ou empresarial. As relações de trabalho fundamentam-se na luta pelo poder em um contexto de acesso desigual, dessa forma, teremos diferentes identidades típicas no exercício da profissão (Alves *et. al.*, 2007, p.273).

Para Dubar (2005, p. 135), “a identidade para si e a identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e ao seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser pelo olhar do Outro”.

A identidade profissional passa constantemente por momentos de construção e de desconstrução, decorrentes do contexto social, político e econômico, “[...] em determinados momentos particulares da vida do indivíduo, por meio de fatos marcantes como, também, por situações profissionais que atingem diretamente sua pessoa” (Hobold e André, 2008, p.5).

Dubar (1997) destaca quatro identidades constituídas em ação no trabalho: (i) Identidade do “distanciamento”: combina as preferências individuais com estratégias de oposição; (ii) Identidade “fusional”: combina as preferências coletivas com estratégias de aliança; (iii) Identidade “negociatória”: alia polarização no grupo com estratégias de oposição; (iv) Identidade “afinitária”: alia preferências individuais com estratégias de aliança.

Comparando as edições do livro publicado em 2005 e a primeira edição de 1997, Hobold e André (2008) alegam que as denominações postas anteriormente por Dubar foram minimamente alteradas. São conceituações que o sociológico desdobrou a partir dos estudos de Sainsaulieu¹ e que as enuncia da seguinte forma:

- Identidade estável ameaçada: as experiências profissionais e a aprendizagem no local de trabalho são efetivamente valorizadas pelos trabalhadores de identidade estável ameaçada. São indivíduos que assumem a identidade coletiva, do grupo de trabalho, e seu discurso é sempre permeado por “nós”. O eu “subjetivo” é maior que o eu “objetivo”, ou seja, prevalece a vontade interior em detrimento dos avanços e inovações que circundam o indivíduo.
- Identidade bloqueada: neste caso há uma fusão do indivíduo à sua profissão. A maneira repetitiva e mecânica de exercer a profissão o bloqueia para as inovações do contexto do mercado de trabalho. É um indivíduo fiel às normas de trabalho, que considera a sua atividade profissional como única e fundamental para a empresa. Diante desta fusão, há a supremacia das transações objetivas sobre as subjetivas; o sujeito quase que se anula em detrimento da profissão e/ou empresa.
- Identidade responsável pela sua promoção: são aquelas pessoas mobilizadas a progredir profissionalmente e executam suas tarefas com destaque e dedicação. Tudo o que fazem é pensando em si e, também, na empresa. O “eu” está articulado com o “outro”, demonstrando uma relação de interdependência. “Sabem que, se investirem no trabalho, colherão, mais tarde, os frutos desse empenhamento. São os ‘gestores’ que, por vezes, se ignoram, mas, que tem em comum o interesse pela gestão, pela liderança, pela mudança da organização” (DUBAR, 1997, p. 48).
- Identidade autônoma e incerta: esta identidade também é reconhecida como do tipo ‘afinitário’. As afinidades com outras pessoas e instituições são fortemente valorizadas como forma de manter “redes” de contatos, visando facilitar a entrada em outros postos de trabalho. Este indivíduo se dedica significativamente à sua formação continuada. Neste caso, a transação subjetiva é que direciona a transação objetiva (Hobold e André, 2008, p. 7).

Concluem os autores que as quatro formas identitárias reconstruídas por Dubar (1997, 1998, 2005), “[...] definem a constituição da identidade profissional nas relações de trabalho. No entanto, não se pode esquecer que as experiências biográficas, ou seja, da história de vida, participam ativamente destas constituições identitárias” (Hobold e André, 2008, p.7).

2.3 IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

Tendo em vista os conceitos de identidade e de identidade profissional - como um fenômeno contínuo e dinâmico, também a identidade docente não é um dado imutável nem externo que possa ser adquirido, mas é um processo de construção do sujeito, historicamente.

A profissão docente reveste-se de especificidades e é objeto de inúmeros estudos acadêmicos. Não obstante a atividade do professor ser muitas vezes entendida ou vivenciada como vocação missionária (Nacarato; Varani; Carvalho, 2011), Nóvoa (2009) ressalta que a característica do ser professor está definida pela sua profissionalidade docente que está envolvida com diversos fatores pessoais, vivenciais, experienciais, contextuais, mas também com sua formação inicial e continuada.

¹ Renaud Sainsaulieu (4 de novembro de 1935 - 26 de julho de 2002) sociólogo francês especializado em sociologia das organizações

Para Albuquerque e Gonçalves (2020, p. 14),

a identidade do docente é um processo de construção do sujeito e do grupo social e histórico, ou seja, é uma forma que o professor tem de se compreender em determinado contexto, sujeito a definições e redefinições em relação com os outros e com seu grupo profissional. A profissão docente emerge e se desenvolve em contextos e momentos históricos como resposta às necessidades que estão postas pelas políticas educacionais, pelas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios do país, pelas escolas onde atuam e pela sociedade e suas condições sociais, econômicas, políticas e culturais, e nos processos de valorização e desvalorização a que estão sujeitos.

A partir dos estudos de Dubar (2005), na Sociologia das Profissões, depreende-se que a identidade docente refere-se a um conjunto de “formas identitárias”, que resultam de uma variedade de processos de socialização dos docentes, nos quais ocorrem transações entre uma “identidade para si” (que o sujeito se atribui a si mesmo numa tensão entre o real e o ideal) e uma “identidade atribuída” (os “mandatos” que os outros e a cultura atribuem ao sujeito) (Garcia, 2010, p.1).

Segundo Rossi, Monteiro e Silva (2024, p.159),

[...] o processo de construção identitária se encontra pautado em valores individuais, ou seja, nas condições em que cada um constrói sua história de vida, em seu modo de ser e estar no mundo, bem como em suas representações, saberes, anseios, dilemas, desafios, potencialidades – no sentido em que tem em “ser professor”.

Nesse contexto, a identidade do professor pode ser entendida como única e ao mesmo tempo diversa, ou seja, constituída pela identidade pessoal e pela identidade profissional, a partir dos significados sociais da profissão, da reafirmação de práticas, e desenvolve-se e adapta-se ao contexto sócio-político-histórico em que está inserido.

A identidade é construída a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. (Pimenta, 1999, p. 19).

Já em Silva (2000) evidencia-se que a identidade do professor depende da sua formação profissional, da apropriação das experiências na dinâmica histórica da escola, do sentido de pertencimento ao grupo social “professorado”, de suas vivências de interações socializadoras com seus pares em determinado momento histórico e social. Portanto, o “ser professor”, vai além de “estar sendo professor” em momentos isolados de docência. Ser professor é um devir, um *continuum* gradual e contextual (Pimenta, 1996).

Nóvoa (2009) defende ainda uma construção em conjunto da profissão, na qual só se torna professor por meio da práxis, aplicando, na prática transformadora em sala de aula, toda teoria aprendida nos meios acadêmicos.

Destarte, para Burchard *et. al.* (2020, p.18) acerca da problemática da identidade profissional docente, os caminhos e percalços ao longo da vida pessoal e profissional contribuem para esta construção, configurando-se como um processo em constante movimento, sendo contínuo, mutável e inacabado, considerando que, com o decorrer da carreira, o professor vai se construindo e se identificando com sua profissão. Citando Huberman (2000) os autores alertam que “[...] o desenvolvimento da identidade docente é um processo complexo e não uma série de acontecimentos, podendo este ocorrer de forma natural para alguns, e para outros pode ser acompanhado de momentos de regressões”.

Conforme preconiza Dubar (2006; 2011), o mundo contemporâneo vivencia uma crise das identidades, e Arroyo (2000) ressalta que o ser humano se torna “humano” na medida em que estabelece relações com outros seres humanos, levando em conta às condições materiais em que se vive. Assim, considerando a profissão docente diferenciada, com um papel de esperança de transformação e de progresso da sociedade, favorecendo a solidariedade, o viver comunitário e o respeito entre pessoas, Gatti (2010) relata que nas atuais condições do trabalho, no dia a dia escolar com suas carências enormes, bem como a desvalorização social do trabalho docente, a constituição identitária do professor passa pela mesma crise. O que se verifica na realidade das práticas pedagógicas é uma fase marcada por dificuldades, incertezas e ausência de valores humanistas, possibilitando sentimento de insegurança, desvalorização, raiva, medo e tristeza nos professores, o que impacta diretamente em sua identidade profissional.

Nessa direção, pode-se entender que a identidade construída pelos docentes se apresenta com uma multiplicidade de elementos/aspectos que se inter cruzam e se interpretam, permanentemente desenvolvido em um determinado contexto histórico-político-social. Assim, a discussão acerca do processo identitário profissional docente se apresenta como um contexto repleto de idas e vindas, reflexões que perpassam as várias dimensões que compõem o humano, sejam elas, dimensões afetivas, sociais, pessoais e profissionais, o que evidencia um vasto exercício de resignificação docente de forma multidimensional, gradual e, mais que isso, contextualizada em um tempo e espaço próprio (DUBAR, 2005; DEWEY, 2010) (Rossi; Monteiro; Silva, 2024, p. 161).

Nessa mesma toada, Santos e Rodrigues (2010, p.17) concluem que

é necessário compreender que a identidade do professor pode ser pensada não como um dado adquirido, uma propriedade, um produto, mas como um processo dinâmico e conflituoso, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. A formação docente deve buscar relações entre a identidade pessoal e a identidade profissional do professor, nesse processo, que se estabelecem com os alunos, com as famílias, com a instituição educativa, com as pessoas com as quais convive no cotidiano; nessas relações o professor constrói saberes que constitui o ideário que fundamenta suas ações.

A identidade docente se define pelo equilíbrio entre as características pessoais e profissionais e vai sendo constituída nas relações sociais que se estabelecem com os alunos, com as famílias, com a instituição educativa, enfim, com as pessoas com as quais convive no cotidiano e de alguma forma

influenciam essa construção. Nesse processo, ao longo de sua carreira estudantil e profissional, o professor vai construindo saberes e constituindo o referencial teórico que fundamenta suas ações (Nóvoa, 2001).

Em resumo, Nóvoa (2001) alerta que na profissão docente o processo identitário se constrói de maneira complexa e diacrônica, dinamicamente, por um acomodar de inovações e um assimilar de mudanças viabilizadoras de uma reformulação psicossocial de cada docente, que os leva a sentir-se e a dizer-se professores.

Ser professor é sentir-se pessoa e profissional, decidir e agir em função de opções de vida e de ação, opções que, segundo Nóvoa (1992), cada professor tem de fazer, as quais cruzam a sua maneira de ser, com a sua maneira de ensinar e desvelam, na sua maneira de ensinar a sua maneira de ser, sendo impossível separar o eu profissional do eu pessoal. Cada professor tem de fazer, as quais cruzam a sua maneira de ser, com a sua maneira de ensinar e desvelam, na sua maneira de ensinar a sua maneira de ser, sendo impossível separar o eu profissional do eu pessoal (Saboya, 2015, p.3).

Nóvoa (2019) destaca ainda a dimensão coletiva da construção identitária, uma vez que os professores se veem como parte de uma comunidade profissional, cujas normas e valores compartilhados moldam suas identidades. Também a autonomia profissional e a reflexão crítica acerca das decisões pedagógicas que tomam, bem como as adaptações necessárias às necessidades dos educandos, estão intrinsecamente ligados à sua identidade profissional docente.

Enfatizando a relevância da formação inicial e continuada na construção de sua identidade docente, para Nóvoa (1999), a formação deve ser vista como um processo contínuo de desenvolvimento profissional integrando teoria e prática, permitindo que os professores desenvolvam uma compreensão profunda e contextualizada de sua profissão. Também o contexto em que os professores trabalham, incluindo as políticas educacionais, os recursos disponíveis e a cultura escolar, têm um impacto significativo na construção da identidade profissional docente.

Em suma, a identidade docente é fundamental para a qualidade da educação e o desenvolvimento profissional dos professores, pois, professores com uma identidade profissional bem desenvolvida estão mais preparados para enfrentar os desafios da sala de aula e promover um ensino de qualidade. Uma identidade forte contribui para a coesão e o sentido de pertencimento dentro da comunidade escolar, o que é essencial para a colaboração e a melhoria contínua da prática pedagógica. Destarte, o reconhecimento e a valorização da identidade profissional dos professores são cruciais para sua motivação e satisfação no trabalho, ajudando a prevenir o *burnout* e promover um ambiente de trabalho positivo e produtivo (Nóvoa, 2019).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de identidade abordados nesse texto, embora tenham sido cunhados por diversos pesquisadores, com nacionalidades e formações diferentes entre si, em contextos específicos e em



diversas áreas do conhecimento, têm em comum a sua dinamicidade. Trata-se de uma construção individual e ao mesmo tempo coletiva; um processo dinâmico e contínuo; devem ser tratados no plural, “identidades”, pois não se têm uma identidade única e imutável, haja vista os conceitos de identidade profissional, que se constroem no trabalho, na profissão e no exercício laboral, em contextos e por influências diversas.

Acerca da identidade profissional docente, evidencia-se que ao longo do tempo, diversos estudiosos se debruçam sobre a temática devido à relevância que o fazer docente se impõe à sociedade. Os fazeres e saberes do professor, sua formação inicial e continuada, sua relação interpessoal com toda a comunidade escolar, sua práxis pedagógica - na qual as teorias aprendidas são colocadas em prática na sala de aula, o contexto social, econômico político no qual vivem, tudo isso influencia sua formação identitária como um profissional educador.

Estudar a identidade profissional docente é crucial por várias razões que impactam diretamente a qualidade da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores, tais como a melhoria da prática pedagógica, estimular a inovação e a criatividade no ensino, a busca pela formação contínua e o desenvolvimento profissional, a adaptação a diferentes contextos educacionais, sejam eles mudanças curriculares, tecnológicas ou socioculturais, o engajamento profissional e a promoção de práticas educativas mais inclusivas e equitativas, além de seu bem-estar e satisfação pessoal e profissional. Enfim, estudar e compreender a identidade profissional docente é fundamental para o aprimoramento da educação como um todo. Ao compreender e valorizar essa identidade é possível promover um ensino de qualidade, apoiar o desenvolvimento contínuo dos professores e criar um ambiente educacional mais inclusivo e eficaz.

À guisa de conclusão, espera-se que todos os conceitos discutidos nesse texto possam auxiliar pesquisadores, educadores, estudantes e interessados pela temática com pistas para uma melhor compreensão dos conceitos de identidade, identidade profissional e identidade profissional docente, além de subsidiá-los com referências diversas para prosseguirem nos estudos almejados.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Andréa Souza de. GONÇALVES, Tadeu Oliver. Conceito de Identidade e sua Contribuição na Formação de Professores de Matemática. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). ISSN 2359-2842 Volume 13, número 32. 2020.
- ALVES, Cristovam da Silva (et. al.) Identidade Profissional de Professores: Um Referencial para Pesquisas. Educação & Linguagem, ano 10, n.15, p.269-283, Jan.-Jun. 2007.
- AMIEL, P. L'identité professionnelle des localiers à l'heure des mutations économiques et de la dématérialisation de la presse locale. Tese de doutorado, Universidade de Toulouse III Paul Sabatier, Toulouse, França, 2017.
- ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: imagens e autoimagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009a.
- BAUMAN, Zygmunt. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação: desafios pedagógicos e modernidade líquida. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 137, p. 661-684, maio/ago. 2009b.
- BEST, S., & WILLIAMS, S. (2019). Professional identity in interprofessional teams: findings from a scoping review. Journal of Interprofessional Care, 33(2), 170-181.
- BURCHARD, Camila Pereira et. al. Construção da identidade profissional docente: caminhos e percalços. In: NEU, Adriana Flávia. MARCHESAN, Lidiene J. de Souza Costa (Orgs.). Construção da Identidade Profissional Docente: Formação, Saberes e Experiências. Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020.
- CAMPOS, Luiz Augusto. O fim do identitarismo. Nexo Jornal. 02 out. 2023. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/o-fim-do-identitarismo> .Acesso em 31 mai. 2024.
- CIAMPA, Antônio. A estória do Severino e a história de Severina. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CIAMPA, Antônio. A metamorfose da identidade. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, maio/ago. 2012.
- DUBAR, Claude. A crise das identidades: a interpretação de uma mutação. Tradução: Catarina Matos. Porto, Portugal: Afrontamento, 2006.
- DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. 2ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.



DUBAR, Claude. Entre Crises Globais e Crises Ordinárias: A Crise das Identidades. Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18.1, pp.175-184, 2011.

DUBAR, Claude. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: CANÁRIO, Rui (org.). Formação e situações de trabalho. Porto: Porto Editora, 1997.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. In: Caderno do Centro de Estudos Educação & Sociedade. Campinas, v. 19, n. 62, 1998.

DUBAR, Claude. TRIPIER, Pierre. Sociologie des professions. Paris, França: Armand Colin, 1998.

GARCIA, M. M. Identidade docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDRoom.

GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, nº 113, p. 1.355-1.379, out./dez. 2010.

GATTI, Bernadete A. Os Professores e suas Identidades: O Desvelamento da Heterogeneidade. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.98, p.85-90, Ago.2007.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

GOMES, Alberto Albuquerque. Conceito de Identidades e s Identidade Profissional Docente. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 15, n. 3, p.42-53 jul/set 2018.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBOLD, Márcia de Souza. ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. A Constituição das Formas Identitárias dos Coordenadores dos Cursos de Licenciatura. 2008. Disponível em <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT20-5221--Int.pdf>. Acesso em 04 jun. 2024.

HOSSON, C. D., DÉCAMP, N., MORAND, E., & ROBERT, A. Approcher l'identité professionnelle d'enseignants universitaires de physique: un levier pour initier des changements de pratiques pédagogiques. RDST. Recherches en Didactique des Sciences et des Technologies, (11), 2015, p.161-196.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Moderna, 2019. Disponível em <https://edtl.fch.unl.pt/encyclopedia/identidade> Acesso em 31 de mai. 2024.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

NACARATO A.M. VARANI A. CARVALHO V. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível...abrindo as cortinas. In: GERARDI, C. M. G. FIORENTINI, D. PEREIRA, E. M. A (orgs). Cartografias do trabalho docente: professor (a) – pesquisador (a). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.



NÓVOA, Antônio S. Formação de professores e profissão docente. In: Nóvoa A. S. (Coord.). Os professores e a sua formação. 2. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

NÓVOA, Antônio S. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. Educação & Realidade, 44(3). 2019. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/84910> Acesso em 10 jun. 2024.

NÓVOA, Antônio S. Professores: Imagens do futuro presente. Editora: Educa, 2009.

PAIXÃO, Sofia. Identidade. In: E-Dicionário de termos literários. 29 dez. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/identidade>. Acesso em 09 jun. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores – Saberes da docência e identidade do professor. R. Fac. Educ. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez. 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In.: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

ROSSI, Everton. MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. SILVA, Silvana de Alencar. Experiência e Narrativa como Abordagem Epistemológica na Compreensão do Desenvolvimento Profissional Docente: Algumas Aproximações. In: JESUS, Sérgio Nunes de. SILVA, Simone Matia da. Educação, Expansão, Políticas Públicas e Qualidade 5. Ponta Grossa-PR: Atena Editora, 2024.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Socialização e Qualificação para o Trabalho: Construção de Identidades Sociais e Profissionais de Professores. Educação, Gestão e Sociedade: Revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 4, número 18, junho de 2015.

SANTOS, Clara. A Construção Social do Conceito de Identidade Profissional. Interações, número 8. pp. 123-144. © do Autor 2005.

SANTOS, Sandro Prado. RODRIGUES, Fernanda Fernandes dos Santos. Formações Identitárias e Saberes Docentes: Alguns Apontamentos para Pensar a Formação Docente do Ensino Superior. Cadernos da FUCAMP, v. 10, n. 12, p. 18-26. 2010.

SILVA, Johnnata Cavalcante. MACHADO, Diego de Queiróz. MOREIRA, Márcia Zabdiele. Tensões na identidade profissional. Uma revisão sistemática e proposta de agenda de pesquisa. XXIII SEMEAD. Seminários em administração. Anais. Nov. 2020. Disponível em <https://login.semead.com.br/23semead/anais/arquivos/516.pdf>? Acesso em 04 jun. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SLAY, H. S., & SMITH, D. A. Professional identity construction: Using narrative to understand the negotiation of professional and stigmatized cultural identities. Human Relations, 64 (1), 85-107. 2011.